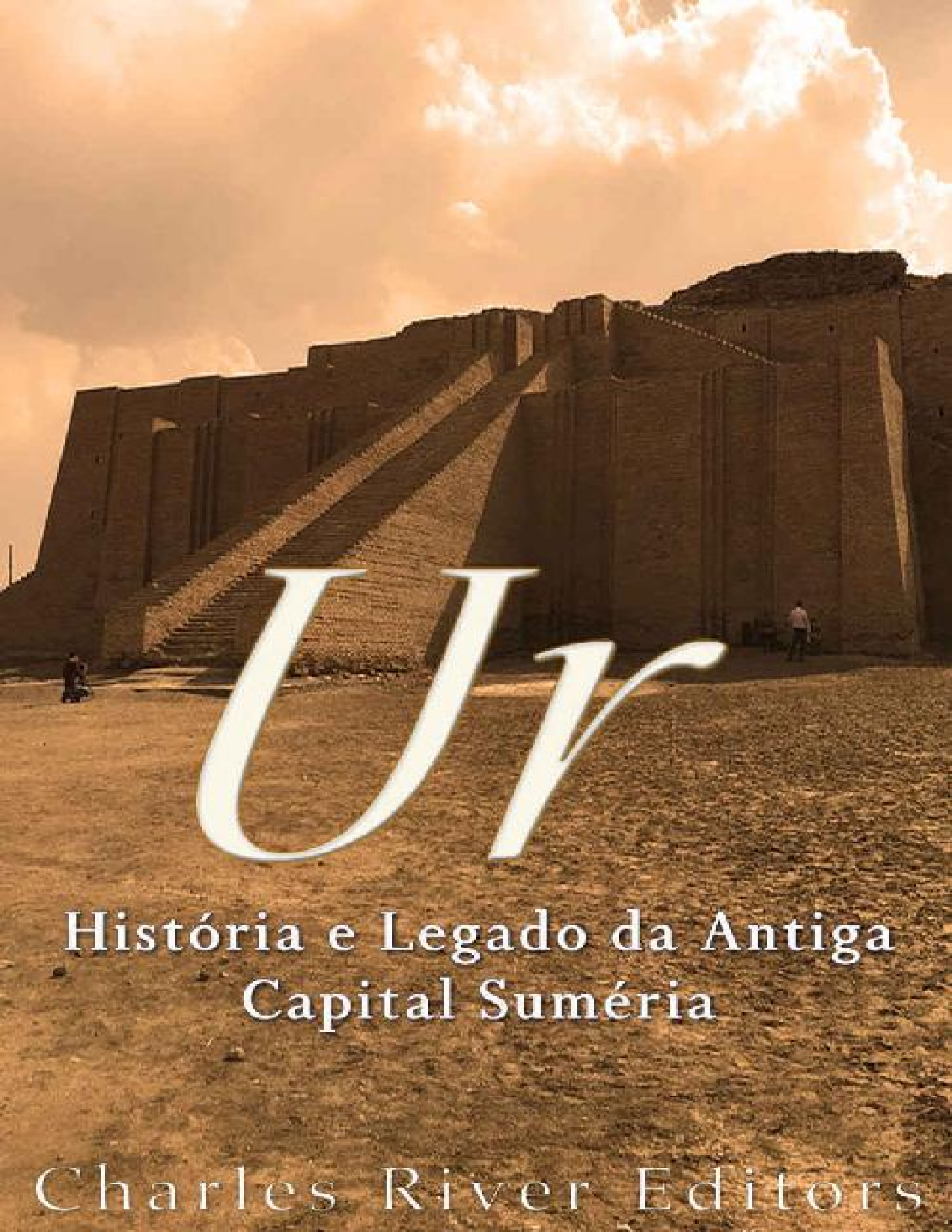
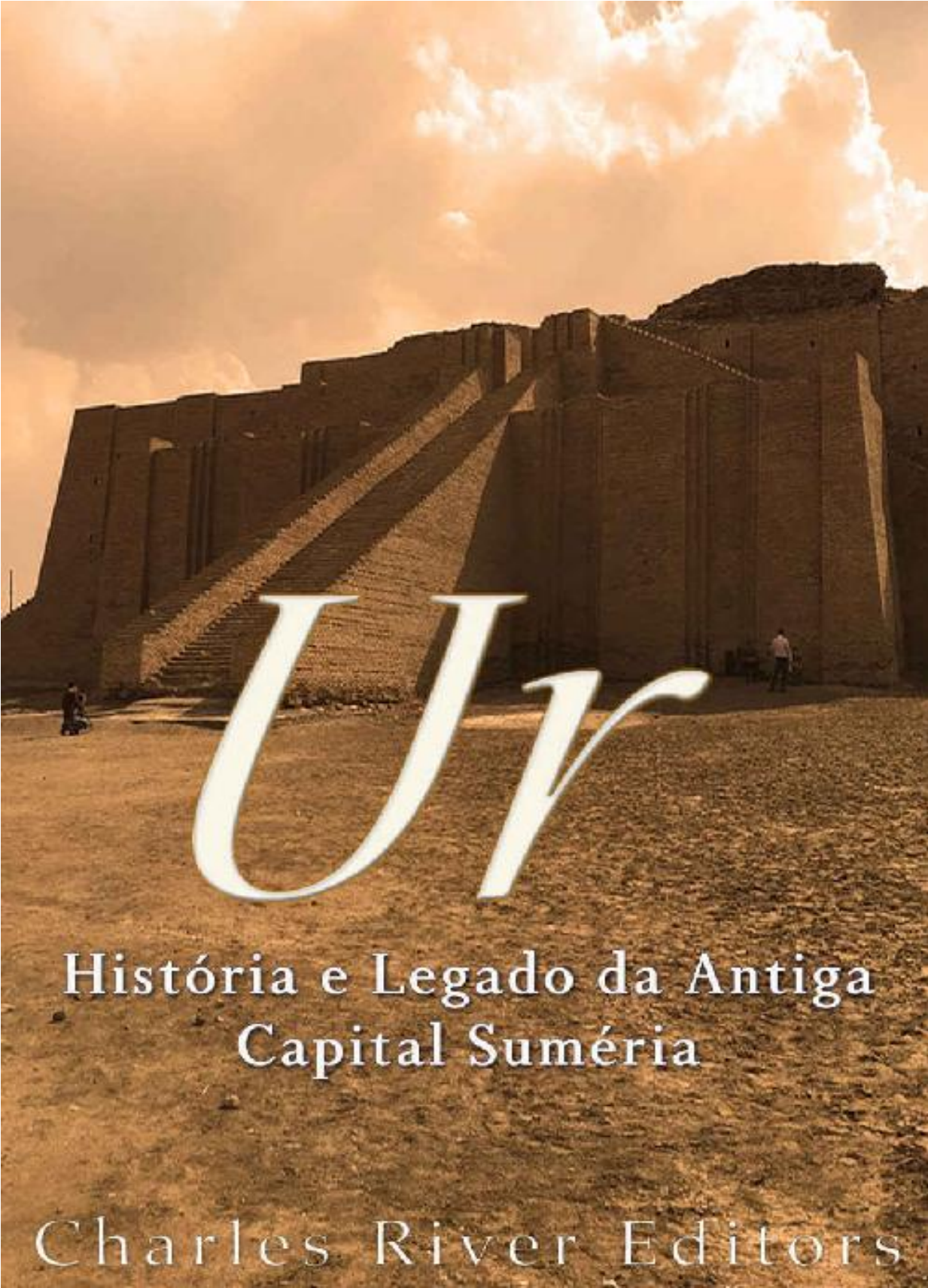


The background of the cover is a photograph of the Ziggurat of Ur, an ancient Mesopotamian temple. The structure is made of mud-brick and features a wide, monumental staircase on its left side. The scene is captured during the "golden hour" of sunset or sunrise, with a warm, orange-hued sky and long shadows cast across the dusty ground. A few small figures of people are visible near the base of the ziggurat, providing a sense of scale.

Ur

História e Legado da Antiga
Capital Suméria

Charles River Editors



Ur

História e Legado da Antiga
Capital Suméria

Charles River Editors

Ur: História e Legado da Antiga Capital Suméria

Por Charles River Editors



Imagem de ruínas de Ur, de M. Lubinski

Sobre a Charles River Editors



A **Charles River Editors** oferece serviços excepcionais de edição e escrita original no âmago da indústria de publicação digital, com a especialidade de criar conteúdo digital para editores através de uma vasta gama de assuntos. Além de fornecer conteúdo digital original para editores terceiros, nós também republicamos as maiores obras literárias da civilização, trazendo-as a novas gerações de leitores via e-books.

[Inscreva-se aqui para receber atualizações sobre livros gratuitos à medida em que os publicamos](#), e visite [Nossa Página do Autor Kindle](#) para consultar as promoções gratuitas de hoje e nossos últimos títulos Kindle publicados.

Introdução



Imagem de soldados caminhando entre as ruínas de Ur

Ur

Quando arqueólogos americanos descobriram uma coleção de tabuletas cuneiformes no Iraque, ao final do século XIX, eles se depararam com uma linguagem e um povo que, naquela época, era pouco conhecido até mesmo pelos estudiosos mais instruídos da antiga Mesopotâmia: os sumérios. As explorações e conquistas de outros povos mesopotâmicos, como os assírios e babilônios, já eram conhecidas por um grande segmento da população através do Antigo Testamento, e o campo nascente de estudos do Oriente Próximo havia revelado o enigma da língua acadiana, que era amplamente utilizada na região em tempos antigos; no entanto, a descoberta das tabuletas

sumérias trouxe à luz a existência da cultura suméria, a mais antiga de todas as culturas da Mesopotâmia.

Muito antes de Alexandria ser uma cidade, e antes mesmo de Mênfis e Babilônia alcançarem grandeza, a antiga cidade mesopotâmica de Ur era primordial entre as cidades do Oriente Próximo. Atualmente, a grandeza e influência cultural de Ur têm sido esquecidas pela maioria das pessoas, parcialmente porque seus monumentos não resistiram ao tempo da forma como os monumentos de outras culturas antigas o fizeram. Por exemplo, os monumentos do Egito foram feitos de pedra, ao passo em que os de Ur e da maioria das cidades da Mesopotâmia foram feitos de tijolos de barro; como será discutido neste artigo, tijolo de barro pode ser um material mais fácil de trabalhar do que pedra – porém, o mesmo também decai mais rapidamente. O mesmo vale, de certa forma, para os documentos escritos que foram produzidos em Ur. O povo da Mesopotâmia, do qual Ur fazia parte, empregava o sistema cuneiforme de escrita; uma vez que a mesma era quase sempre feita em tabuletas de argila, acadêmicos modernos têm de lidar com o lamentável problema de que muitas das tabuletas foram quebradas e tornaram-se ilegíveis ao decorrer dos séculos. Apesar da natureza efêmera de seus monumentos e, em certa medida, de seus textos escritos, Ur provou ser uma inspiração para os sumérios que construíram a cidade e também para culturas e dinastias posteriores que habitaram a Mesopotâmia.

Um exame de fontes primárias relacionadas a Ur, bem como escavações arqueológicas feitas na cidade antiga, revelam que a mesma fora um baluarte cultural por milhares de anos. Ur surgiu como uma cidade de importância secundária, mas rapidamente cresceu para tornar-se a cidade mais importante da Suméria. Em seu auge, Ur foi o centro da grande dinastia que controlava diretamente a maior parte da Mesopotâmia, através de um exército e burocracia bem administrados – além disso, as áreas que não estavam sob seu controle direto foram influenciadas por diplomatas e ideias religiosas de Ur. O presente estudo também revelará que Ur era uma cidade verdadeiramente resistente, pois sobrevivera à queda dos sumérios, à destruição completa nas mãos dos elamitas, e às ocupações posteriores por diversos outros povos, que, mais recentemente, incluíram Saddam Hussein. Ur inspirou a imaginação dos povos antigos, mas também extasiou as mentes dos povos modernos, que trabalharam por mais de 150 anos para

desvendar os mistérios da cidade. Verdadeiramente, quando se trata de importantes cidades antigas, Ur deveria ser contada entre as maiores.

Ur: História e Legado da Antiga Capital Suméria traça a história e o legado de uma das cidades mais influentes da Antiguidade. Junto a imagens de pessoas, lugares e eventos importantes, você aprenderá sobre a história de Ur como nunca antes, em nenhum outro tempo.

[Ur: História e Legado da Antiga Capital Suméria](#)

[Sobre a Charles River Editors](#)

[Introdução](#)

[Capítulo 1: Uma Inspiração para a Mesopotâmia](#)

[Capítulo 2: A Descoberta Moderna de Ur](#)

[Capítulo 3: Ur e o Período Dinástico Inicial \(aprox. 2900-2500 a.C.\)](#)

[Capítulo 4: Ur durante a Terceira Dinastia de Ur \(2112-2004 a.C.\)](#)

[Capítulo 5: Outros Monumentos e Eventos durante Ur III](#)

[Capítulo 6: O Fim de Ur III e a Destruição Temporária da Cidade](#)

[Capítulo 7: O Ressurgimento de Ur sob os Cassitas e Babilônios](#)

[Capítulo 8: Os Assírios e Ur](#)

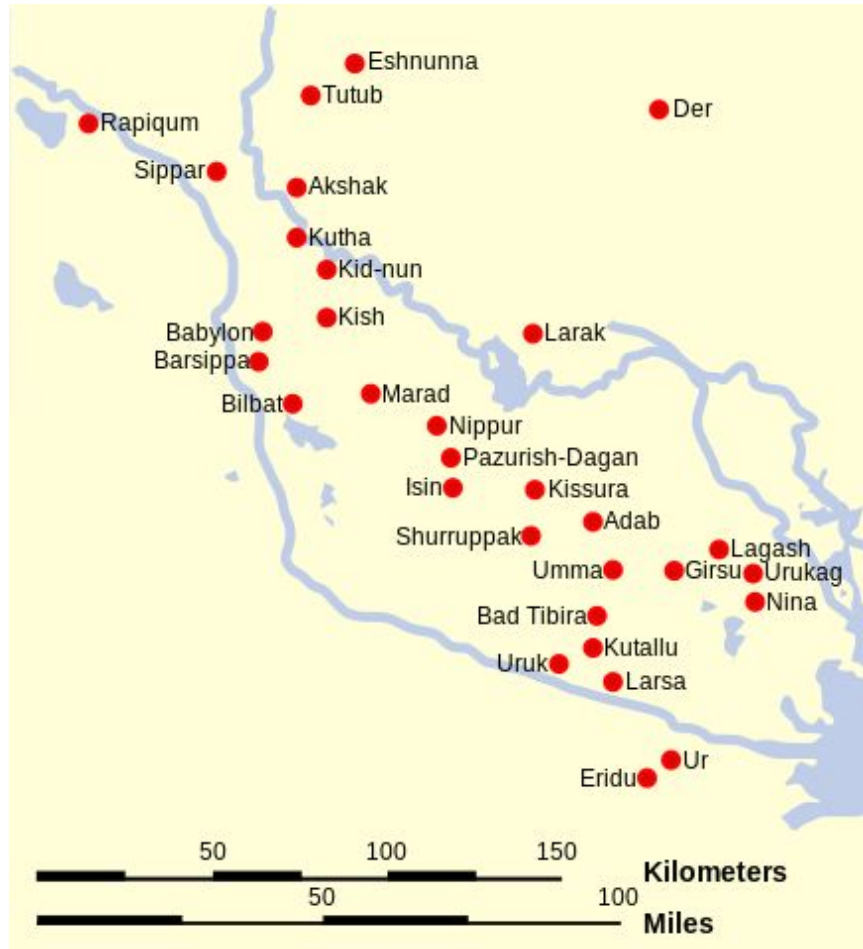
[Capítulo 9: Ur nos Tempos Antigos Posteriores](#)

[Capítulo 10: O Esforço Moderno de Ur pela Existência](#)

[Recursos Online](#)

[Bibliografia](#)

Capítulo 1: Uma Inspiração para a Mesopotâmia



Mapa de Sumer



Arco localizado em Ur

Embora os sumérios continuem recebendo o segundo ou mesmo o terceiro faturamento em comparação aos babilônios e assírios, – talvez porque eles nunca construíram um império tão grandioso quanto os assírios ou nunca estabeleceram uma cidade tão grande e duradoura como a Babilônia – eles foram o povo que forneceu o modelo de civilização no qual todos os posteriores mesopotâmicos basearam-se. Os sumérios são creditados como sendo o primeiro povo a inventar a escrita e construir bibliotecas, cidades e escolas na Mesopotâmia (Ziskind 1972, 34), e muitos argumentariam que eles foram os pioneiros do mundo a cumprirem tais feitos.

Para um povo tão grandioso, é lamentável que suas realizações e contribuições, não só para a civilização mesopotâmica mas para a civilização em geral, passem em grande parte despercebidas pela maioria do público. Talvez os sumérios tenham sido vítimas de seu próprio sucesso; eles gradualmente entraram no registro histórico, estabeleceram uma grandiosa

civilização, a então lentamente submergiram no mosaico cultural de suas redondezas. Eles também nunca sofreram um grande e repentino colapso assim como os outros povos do Oriente Próximo – como os hititas, assírios e neobabilônicos fizeram. Um exame minucioso da cultura e cronologia sumérias revela que os mesmos determinaram o modelo cultural na Mesopotâmia por séculos, nos campos da política, governos, artes, literatura e religião. Os sumérios foram verdadeiramente um grande povo, cujo legado perdurou por muito tempo, mesmo depois de seu fim.

Dito isto, os sumérios permanecem enigmáticos pois, apesar de sua linguagem ter sido decifrada e, portanto, seus textos tenham sido traduzidos para as línguas modernas, a mesma não pode ser classificada dentro de um grupo de linguagem específico. Alguns estudiosos acreditam que, uma vez que a maioria dos outros grupos étnicos da Mesopotâmia falava línguas semíticas e os sumérios não, eles, portanto, devem ter migrado de longe para a região (Ziskind 1972, 41), enquanto outros argumentaram mais recentemente que os mesmos viveram na Mesopotâmia por um algum tempo antes de 3100 a.C. (Kuhrt 2010, 1:23; Van de Mieroop 2007, 10). A última fonte geográfica do povo sumério pode nunca vir a ser conhecida, mas a sua influência em Ur não está aberta à discussão; Ur surgira como uma genuína cidade suméria e possuía qualidades culturais sumérias inerentes. A Cidade Suméria de Ur, no entanto, rapidamente transcendeu suas qualidades puramente sumérias, como evidenciado pelo Antigo Testamento da Bíblia.

O Antigo Testamento é repleto de diversas histórias sobre povos bíblicos que arqueólogos modernos e estudiosos bíblicos provaram como factuais e que podem ser benéficos para a compreensão de outros povos e lugares do Antigo Oriente Próximo, como Ur. No livro de Gênesis, o patriarca Abraão e sua família são descritos como tendo vivido em Ur. O livro diz: “E estas são as gerações de Terá: Terá gerou a Abrão, a Naor e a Harã; e Harã gerou a Ló. E morreu Harã, estando seu pai Terá ainda vivo, na terra de seu nascimento, em Ur dos Caldeus. E tomaram Abrão e Naor mulheres para si: o nome da mulher de Abrão era Sarai; e o nome da mulher de Naor era Milca, filha de Harã, pai de Milca e pai de Iscá. E Sarai foi estéril, não tinha filhos. E tomou Terá a Abrão, seu filho, e a Ló, filho de Harã, filho de seu filho, e Sarai, sua nora, mulher de seu filho Abrão, e saiu com eles em Ur dos Caldeus, para ir à terra de Canaã; e vieram até Harã, e habitaram ali. ” (Gn, 11:27-31)

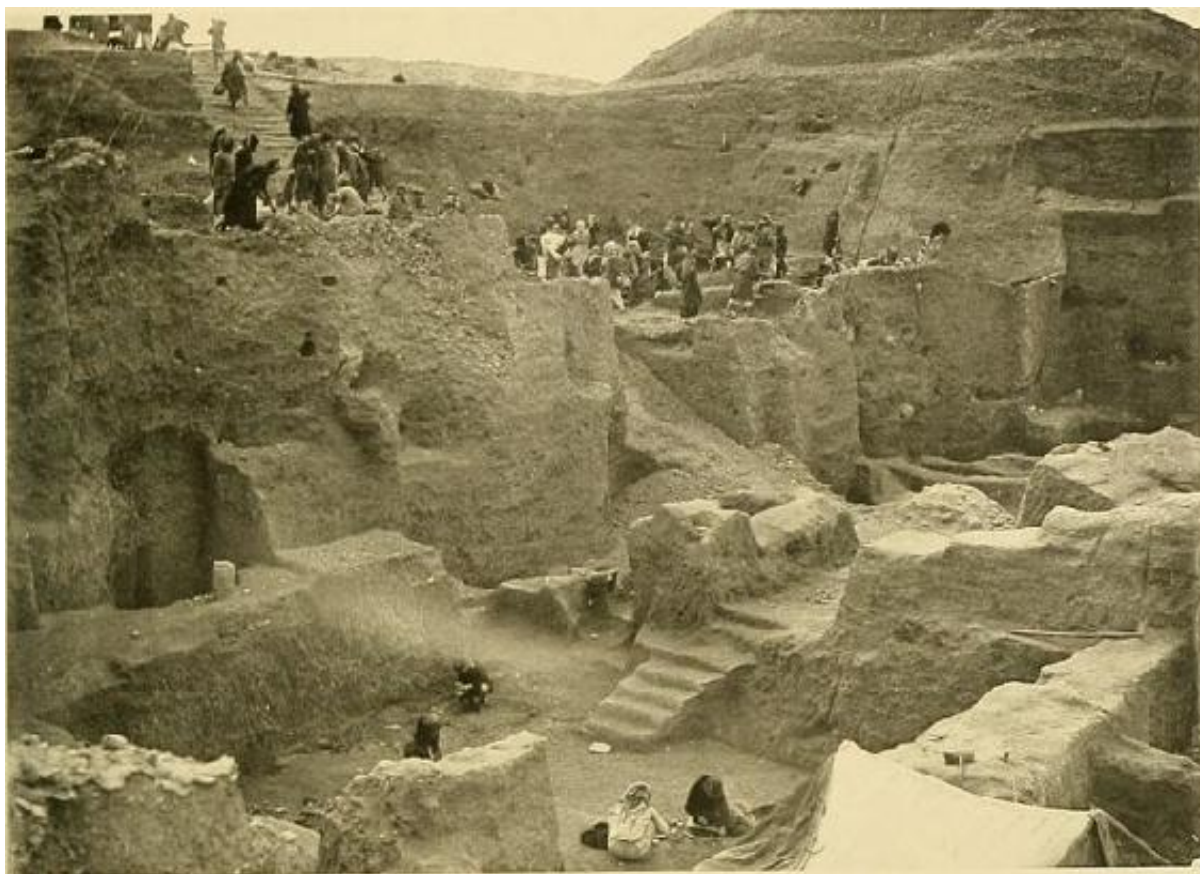
Esta passagem relata alguns aspectos interessantes e importantes de Ur relativos tanto a seu significado entre os povos não-sumérios quanto à sua localização no Antigo Oriente Próximo. É interessante que, embora Abraão e sua família não fossem sumérios, Ur é listada no relato bíblico como sua primeira casa. Muitas cidades no Antigo Oriente possuíam bairros designados para estrangeiros: Mênfis, no Egito, tinha um bairro grego em sua história recente e Alexandria, também no Egito, foi dividida em bairros étnicos, de modo que a ideia de cidades etnicamente diversas não era um conceito estranho na região. No caso de Ur, esta era provavelmente um centro para povos pastores não-sumérios que possuíam acampamentos perto dos portões da cidade (Kitchen 2003, 316). Kitchen também explica que embora tenham existido outras cidades nomeadas Ur, a “Ur dos Caldeus” da Bíblia é claramente uma referência à cidade suméria (Kitchen 2003, 3016). Os caldeus eram um povo que vivia no sul da Mesopotâmica e que mais tarde conquistaria a maior parte da Babilônia, incluindo o reino de Israel, durante os séculos VII e VI a.C. – portanto, embora a referência seja cultural e cronologicamente incorreta, é geograficamente próxima da realidade.

Em termos de referências geográficas modernas, Ur era localizada aproximadamente a meio caminho entre a moderna cidade de Bagdá e a cabeça do Golfo Pérsico, onde é hoje o estado-nação moderno do Iraque (Woolley 1982, 12). Ur era uma cidade-chave na mais ampla região geográfica conhecida como “Crescente Fértil”, que abrangia o Levante e a Mesopotâmia. A região da Mesopotâmia, assim nomeada pelos gregos e que significa “a terra entre dois rios”, é uma vasta região que hoje compreende os estados-nação do Iraque e parte da Síria, e fica entre os rios Tigre e Eufrates. A Mesopotâmia foi posteriormente subdividida em mais regiões nos tempos antigos: a Assíria localizava-se no extremo Norte, Babilônia e Acádia localizavam-se ao Centro, e a Suméria, onde Ur era situada, localizava-se no extremo Sul. Ur situava-se poucos quilômetros ao sul do Rio Eufrates (Van de Mieroop 2007, 13). A região, particularmente fértil, produzia comida o suficiente para alimentar uma numerosa população, mas a esta lhe faltava muitos outros recursos necessários para a construção de grandes monumentos.

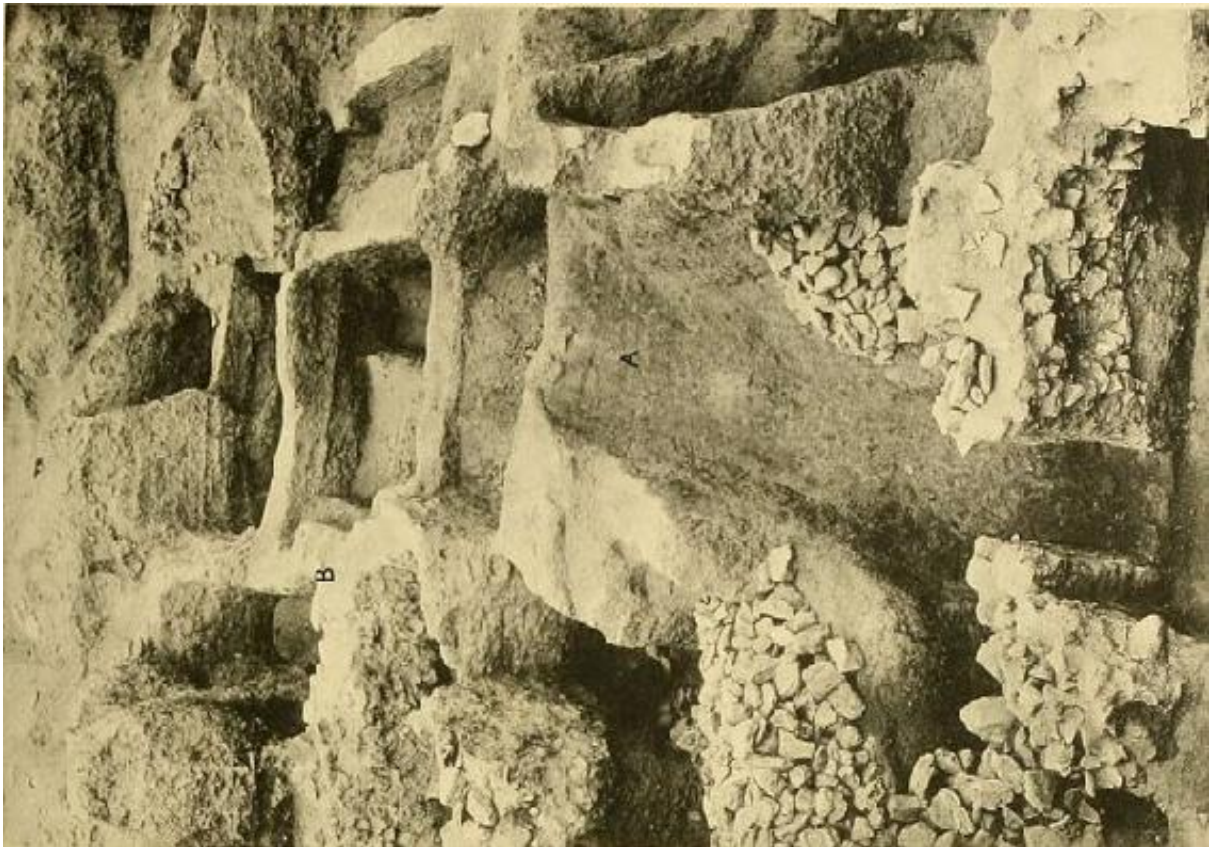
O rico solo aluvial da Mesopotâmia ajudava a produzir quantidades abundantes de grãos para seus habitantes, porém oferecia muito pouco em

termos de madeira, pedra, ou outras mercadorias preciosas como o ouro, a prata, e o lápis lazuli (Kuhrt 2010, 1:21). A ausência destes materiais pode não parecer um problema em termos de construção básica de uma sociedade, mas para a mesma atingir um nível superior de desenvolvimento e tornar-se uma verdadeira civilização, monumentos são considerados vitais pela maioria dos historiadores e antropólogos modernos. No início do terceiro milênio a.C., os sumérios desenvolveram complexas redes comerciais que conectavam a maior parte do Antigo Oriente e traziam raros bens para suas cidades, como Uruk e Ur (Van de Mieroop 2007, 35). Apesar do influxo de itens raros em Ur, os sumérios preferiram construir a maioria de seus monumentos principais a partir de tijolos de barro facilmente disponíveis ao invés de pedra (Frankfort 1996, 18). Tijolo de barro é um material relativamente fácil de trabalhar e capaz de construir grandes monumentos; no entanto, assim como o mais impressionante monumento de Ur, o Zigurate de Ur, atestara, ele não resiste ao teste do tempo da forma como os monumentos de pedra o fazem. Uma vez que a maioria dos grandes monumentos de Ur não suportou bem o passar das eras, sua descoberta moderna foi um evento incrível por si só.

Capítulo 2: A Descoberta Moderna de Ur







Imagens do trabalho de escavação em Ur

A descoberta de Ur no período moderno seguiu o mesmo padrão ocorrido quando outras culturas e cidades antigas foram redescobertas. O período conhecido como o Iluminismo, no século XVIII, foi um período em que os europeus ocidentais começaram a questionar a legitimidade do governo monárquico, da religião organizada, e da própria vida. Filósofos como o britânico John Locke e o francês Jean-Jacques Rousseau escreveram livros que questionavam a natureza do governo e influenciaram as revoluções na América e na França. O Iluminismo também levantou ideias como a educação popular e questionou ideias-padrão da história. Antes do Iluminismo, a maioria dos europeus considerava as culturas do Antigo Testamento como as únicas dignas de estudo antes da civilização helênica, mas a atenção dada a esses povos era, na melhor das hipóteses, superficial. Acadêmicos iluministas começaram a visualizar o passado mais criticamente e acreditavam que havia mais do mundo antigo do que os gregos, os romanos e os povos bíblicos. Um estudioso recente do Iluminismo resumiu a nova atitude: “As preocupações do século XVIII focavam-se em três grandes áreas: o debate gerado pela ideia de uma natureza humana ‘universal’; o debate associado ao significado da história humana; e o debate gerado sobre o valor e natureza da civilização.” (Outram 1995, 65).

Embora poucas descobertas significativas sobre o Antigo Oriente tenham sido feitas durante o século XVIII, a base foi estabelecida para monumentais avanços historiográficos e arqueológicos a serem realizados durante o século XIX.

O século XIX testemunhou a decifração da antiga escrita hieroglífica egípcia, através da tradução da Pedra de Roseta e uma infinidade de outros achados em todo o Oriente Próximo. Os reinos dos assírios e hititas foram redescobertos, e a cidade perdida de Ur foi encontrada enterrada sob um montículo de sujeira e destroços. Em 1853, o arqueólogo britânico J.E. Taylor atravessava o Iraque à procura de antigas ruínas e artefatos mesopotâmicos para o Museu Britânico, quando se deparou com um grande montículo perto do Rio Eufrates. Depois de certa investigação, Taylor escavou o montículo e logo constatou que havia descoberto a cidade perdida de Ur, a “Ur dos Caldeus”, mencionada em Gênesis (Woolley 1982, 12). A revelação de Taylor abriu caminho para outros arqueólogos britânicos realizarem importantes

descobertas em Ur; por exemplo, W.K. Loftus desenterrou uma muralha coberta de mosaicos e numerosos outros artefatos menores lá foram descobertos durante o século XIX (Woolley 1982, 37). O trabalho arqueológico mais importante feito em Ur foi conduzido pelo inglês Leonard Woolley, que começou as escavações da cidade em 1922 e completou seu trabalho da necrópole – que será extensivamente discutido abaixo – em 1929 (Woolley 1982, 24). Woolley introduziu, em seu trabalho em Ur, técnicas arqueológicas modernas que ainda são usadas hoje em dia, e defendeu a hipótese de que o dilúvio bíblico e o dilúvio descrito na *Epopéia de Gilgamesh* são um só e o mesmo (Woolley 1982, 32). Deve-se mencionar que a teoria do dilúvio de Woolley dizia que o mesmo foi um fenômeno localizado e que a forma como ele é retratado em ambos Antigo Testamento e Epopeia de Galgamesh “é uma extensão irreal de um desastre natural muito real na Suméria” (Woolley 1982, 34). A teoria do dilúvio localizado de Woolley tem sido pelo menos parcialmente confirmada por estudos modernos, que provam que o litoral do Golfo Pérsico foi uma vez consideravelmente mais adentro ao interior, aproximadamente na área de Ur (Pollock 1999, 30).



Mural encontrado em Ur, imagem de Alma Guinness



Padrão de Guerra encontrado em Ur

Capítulo 3: Ur e o Período Dinástico Inicial (aprox. 2900-2500 a.C.)

Como retratado acima, a história inicial de Ur era inexoravelmente interligada a dos sumérios, mas, ao consolidarem seu poder no sul da Mesopotâmia, os sumérios dedicaram a maior parte de suas energias na construção da cidade de Uruk, ao norte de Ur. Uruk tornou-se a capital cultural da Suméria em seu estado inicial, quando a primeira escrita e as primeiras formas de arte sumérias foram desenvolvidas na cidade (Kuhrt 2010, 1:23). As escavações em Ur demonstraram que, embora a cidade existisse durante o Período Dinástico Inicial, pouca importância em termos de monumentos foi produzida antes de 2500 a.C., o que não quer dizer que a cidade não era importante. Em torno de 280 tabuletas escavadas em Ur foram datadas de aproximadamente 2800 a.C. (Van de Mieroop 2007, 42) e estudos desses textos revelaram que a cidade foi um centro religioso em uma época anterior. De acordo com as antigas crenças religiosas mesopotâmicas, cada cidade era a morada de um deus específico (Van de Mieroop 2007, 45). Ur era o lar da díade divina, Nana e Ningal, que mais tarde tornar-se-iam importantes divindades mesopotâmicas em outras cidades, durante períodos posteriores. Em verdade, aparenta-se que o vagaroso, porém constante crescimento de Ur podem ser ligados diretamente à importância de Nana e Ningal. Embora houvera escassez de evidência arqueológica escavada em Ur, que possa ser definitivamente datada do Período Dinástico Inicial, os vestígios de um número de edifícios religiosos foram descobertos (Woolley 1982, 46). A existência desses edifícios indica que a significância de Ur enquanto centro de culto a Nana e Ningal começou cedo, como será discutido mais detalhadamente abaixo, e a cidade continuou a ser um importante centro neste tópico por mais de dois mil anos, mesmo sob as regras de diversas dinastias diferentes.

Outro exemplo da importância religiosa de Ur durante o Período Dinástico Inicial é evidenciado pela ampla necrópole que Woolley revelou primeiramente durante suas escavações da cidade. Woolley datou as origens da necrópole de Ur ao Período Dinástico Inicial, que incluía as tumbas de uma série de nobres identificados (Woolley 1982, 51). A existência de uma ampla necrópole em Ur levanta importantes questões sobre a religião da antiga Mesopotâmia, que serão exploradas neste estudo, e isso também

demonstra que, embora Ur possa não ter sido politicamente tão importante quanto Uruk neste período inicial, os sumérios atribuíram um significado religioso e espiritual especial à cidade. Enquanto Ur continuava sua vagarosa, porém constante ascendência durante o Período Dinástico Inicial, a região foi repentinamente impulsionada à instabilidade quando uma nova dinastia, advinda da região da Acádia, ao norte da Suméria, subiu ao poder.

Uruk e o poder dos sumérios foram desafiados por um novo grupo de pessoas de fala semítica, os acadianos, liderados por um vigoroso rei chamado Sargão (2340-2284 a.C.). Embora Sargão e os acadianos tenham estabelecido sua língua como a “língua franca” da Mesopotâmia e, posteriormente, da diplomacia em todo o Oriente Próximo (Kuhrt 2010, 1:46), eles mantiveram a continuidade cultural suméria na região, o que incluiu patronar os mais importantes templos de Ur. Em particular, Sargão nomeou sua filha como a suma sacerdotisa, ou *entu*, do deus da lua Nana em Ur (Van de Mieroop 2007, 66), o que mais uma vez demonstra a importância religiosa contínua da cidade. Líderes acadianos subsequentes também colocaram suas filhas como sumas sacerdotisas de Nana em Ur, atitude que provou ser tanto religiosa quanto politicamente motivada (Van de Mieroop 2007, 66). Os acadianos, que eram tecnicamente estrangeiros entre os sumérios, perceberam que, para que fossem aceitos como líderes legítimos, eles teriam de patronar os cultos de importantes cidades sumérias, como Ur.

Os acadianos foram bem-sucedidos por um período considerável em seus esforços para incorporar todo o sul da Mesopotâmia sob seu governo, porém sua dinastia acabou sendo eventualmente derrubada, pelo menos parcialmente, por uma horda bárbara conhecida como os gutianos (Kuhrt 2010, 1:56-57). A presença física gutiana no sul da Mesopotâmia provou ser efêmera, embora textos da posterior Terceira Dinastia de Ur tenham atribuído seu reinado de terror ao zangado deus Enlil, quem os sumérios acreditavam ser ignorado pelos acadianos (Kuhrt 2010, 1:57). Após o colapso da dinastia acadiana e após os gutianos retornarem à sua terra natal nas montanhas do Leste, a situação política no sul da Mesopotâmia reverteu ao que era antes dos acadianos subirem ao poder: um mosaico descentralizado de cidades-estado em competição. A situação, no entanto,

não duraria muito, e após uma nova ordem ser estabelecida, Ur encontraria-se no ápice de seu poder.

Capítulo 4: Ur durante a Terceira Dinastia de Ur (2112-2004 a.C.)



Tabuleta datada da Terceira Dinastia de Ur

A Terceira Dinastia de Ur, conhecida por estudiosos modernos como Ur III, foi um período em que Ur tornou-se o ponto focal da história da Mesopotâmia, e seus líderes trouxeram de volta o uso da língua suméria em

textos administrativos e religiosos (Kuhrt 2010, 1:58-59). Foi provavelmente durante a Dinastia Ur III que a *Epopéia de Galgamesh* foi primeiramente colocada em escrita (Sandars 1972, 8); mas, principalmente, os existentes textos do período pintam uma imagem clara da composição do estado e mão-de-obra necessária para sua continuação. Por exemplo, uma série de textos de Ur III detalham a imensa quantidade de mão-de-obra necessária para a construção de projetos como os zigurates e os canais de irrigação. Os canais de irrigação eram particularmente intrincados e os terrenos agrícolas que eles alimentavam eram especificamente delineados e apropriados; os líderes de Ur iniciaram uma estratégia de rotação de culturas de três campos, onde os campos eram semeados, colhidos e deixados em pousio em um padrão cíclico (Kuhrt 2010, 1:60).

Foi também durante a dinastia Ur III em que Ur tornou-se um importante centro comercial e eventualmente eclipsou Uruk. Textos indicam que Ur era um dos mais importantes centros têxteis da Mesopotâmia no período; mulheres e crianças trabalhavam em oficinas que produziam roupas de lã e de linho e cobertores, que eram então exportados por todo o Oriente Próximo (Kuhrt 2010, 1:60). A produção de metais também se tornou uma indústria importante durante Ur III, os quais, assim como os têxteis, eram exportados pelos líderes da cidade, e usados para sofisticar armas. Tabuletas cuneiformes do período demonstram que toda a atividade econômica de Ur era altamente centralizada, mas as caravanas de comércio eram realizadas por comerciantes independentes (Kuhrt 2010, 1:61). A natureza centralizada da economia de Ur é melhor vista no sistema padronizado de pesos e medidas usado durante Ur III. Estudiosos argumentam que tal tipo de economia não funcionaria bem como um sistema de trocas direto. O escambo era provavelmente usado para transações pequenas e pessoais, mas para transações maiores sancionadas pelo estado, uma espécie de padrão deve ter sido usada. Bobinas de metal feitas de ouro, prata, bronze e cobre, descobertas em Ur, são acreditadas por muitos de terem sido usadas como um tipo de peso padronizado e proto-moeda (Kuhrt 2010, 1:61). Se isso for verdade, a proto-moeda de Ur é, portanto, anterior às moedas usadas pelos persas em mais de 1.500 anos. As tabuletas que relacionam as atividades agrícola e econômica em Ur são verdadeiramente esclarecedoras, mas os

mesmos textos também fornecem muitas informações sobre a composição do estado de Ur III.

Os documentos administrativos existentes da Terceira Dinastia de Ur eram incrivelmente bem organizados e complexos, e muito similares ao do estado contemporâneo do Antigo Reino do Egito. Assim como o Egito, o estado de Ur III era dividido em uma série de províncias supervisionadas por governadores conhecidos pela palavra suméria *ensi*. Cada *ensi* era provavelmente selecionado da nobreza ou elite local (Kuhrt 2010, 1:61), o que significava que os reis de Ur podiam dedicar seu tempo e recursos a assuntos como diplomacia e comércio, ao invés de gastarem tempo visitando províncias periféricas. Em sua maior parte, o sistema funcionava bem, pelo menos provavelmente parcialmente, devido ao fato de que a administração dos *ensi* era paralela com uma administração militar. Cada província possuía pelo menos um general, e algumas, assim como a província de Umma, possuía diversos generais e apenas um *ensi* (Van de Mieroop 2007, 77). Os generais nunca eram nativos das regiões que serviam e, apesar de frequentemente pertencerem a grupos étnicos não-sumérios, eles permaneciam sempre leais a Ur (Van de Mieroop 2007, 77). Se um *ensi* possuísse a ousadia de se rebelar contra Ur, primeiramente ele deveria argumentar com o general, ou generais, que servissem em sua província. Os textos administrativos mostram que embora os *ensi* e os generais fossem vitais para o estado de Ur III, a instância mais importante abaixo do rei era a do *sukkalmah*.

O *sukkalmah* pode ser melhor descrito como um chanceler real ou vice-rei que representava os interesses do estado de Ur III fora dos limites de Ur (Van de Mieroop 2007, 79). Ele ordenava que os generais coletassem tributos das províncias e estabelecia o número que cada localidade deveria pagar (Van de Mieroop 2007, 79). O *sukkalmah* também era responsável por supervisionar e administrar os pântanos do estado de Ur III, onde não havia reais províncias e a falta de lei e ordem persistia (Kuhrt 2010, 1:61). As fontes também mostram que embora Ur fosse a capital da dinastia, outras cidades sumérias, como Uruk, Nippur, e Eridu, continuaram desempenhando papéis importantes, especialmente em contextos religiosos e cerimoniais (Kuhrt 2010, 1:64).

A arte da diplomacia também era empregada a um nível sofisticado pelos líderes do estado de Ur III. Embora seus reis não tenham mantido nenhum registro de tratados ou textos de correspondências oficiais com outros estados – ou pelo menos nenhum texto sobreviveu ou foi descoberto, – uma série de textos descritos acima também se referiam à diplomacia, o que pode ajudar a pintar a imagem de como os reis de Ur a utilizavam em seus interesses. Pelos textos, aparenta-se que os reis programavam seus eventos diplomáticos para coincidirem com festivais religiosos, e que o homem que organizava todo e qualquer encontro diplomático era o *sukkalmah* (Sharlach 2005, 17-18). O *sukkalmah*, que em sua capacidade operava similarmente ao Secretário de Estado moderno, ajudava a organizar os itinerários dos diplomatas e emissários estrangeiros que pretendiam ver os reis de Ur. Cada festival era uma renovação do direito divino do rei de governar o estado de Ur, então era de grande importância para dignitários estrangeiros que comparecessem a estes eventos (Sharlach 2005, 22).

Capítulo 5: Outros Monumentos e Eventos durante Ur III

Os avanços administrativos feitos em Ur durante a dinastia Ur III foram muito impressionantes, mas uma série de outros monumentos incríveis foram construídos na cidade no mesmo período. Já que Ur era a capital da dinastia e o centro da cultura mesopotâmica durante o fim do terceiro milênio a.C., evidências destas construções sobreviveram até o período moderno. Dentre os mais incríveis de todos os monumentos do período de Ur III, e que resistiram ao tempo, está o Zigueate de Ur.





O Zígarate de Ur representou o ponto médio de uma longa tradição de construção de monumentos religiosos mesopotâmicos. Essencialmente, um zígarate era uma torre, parte do complexo de templos de uma cidade, e acreditava-se que representava uma montanha, vista como a primeira morada de qualquer deus ou deusa para qual o complexo do templo era dedicado (Frankfort 1996, 20-21). Como mencionado acima, zígurates eram primariamente feitos de tijolos de barro, o que significava que, infelizmente, a maioria não resistira ao teste do tempo. Zígurates foram primeiramente construídos pelos sumérios, mas líderes subsequentes da Mesopotâmia, incluindo os babilônios, elamitas, assírios e neobabilônicos, todos os construíram. Na verdade, o zígarate mais bem preservado foi construído pelo rei elamita Untash-Napirisha (aprox. 1340-1300 a.C.), próximo à antiga cidade iraniana de Susa. O Zígarate de Untash-Napirisha foi construído com milhões de tijolos de barro. Os tijolos do núcleo interno eram secados ao sol, enquanto os tijolos externos eram reforçados, e sem dúvida obtinham uma grande quantidade de combustível (Van de Mieroop 2007, 186). O Zígarate de Ur foi construído com os mesmos materiais e provavelmente com a maioria dos

mesmos métodos de construção que o de Untash-Napirisha, só que cerca de mil anos antes, o que torna impressionante o fato de a maior parte dele ainda estar de pé.



Imagem de tijolo de barro carimbado encontrado em Ur

O Zígarate de Ur foi construído pelo primeiro rei da Terceira Dinastia de Ur, Ur-Nammu (aprox. 2112-2095 a.C.), para o deus da lua e principal divindade, Nana (Kuhrt 2010, 1:64). Atualmente, existe apenas o nível inferior do zígarate – no entanto, baseado na estrutura de outros zígarates conhecidos, este possuíra pelo menos três níveis e requeria uma enorme quantidade de trabalho (Kuhrt 2010, 1:64), provavelmente a mesma requerida para a construção das Grandes Pirâmides de Gizé. O Zígarate de Ur, e todos os zígarates nesta questão, mesmo parecendo vagamente com pirâmides, funcionavam de uma maneira um tanto diferente. Os zígarates, como mencionado acima, eram parte dos templos mesopotâmicos, enquanto as pirâmides egípcias funcionavam como tumbas.





Imagens da escadaria principal do zigurate

O Zigurate de Ur é a realização mais visivelmente impressionante já criada em Ur, porém uma série de outros fatos importantes aconteceram na cidade e devem ser considerados. A ambição de Ur-Nammu pela construção era somente igualada ao seu desejo de expandir o domínio de Ur, o que, por fim, o levou à morte no campo de batalha (Kuhrt 2010, 1:63). Ur-Nammu foi sucedido por Shulgi (aprox. 2094-2047 a.C.), que completou a obra do Zigurate de Ur e escreveu um dos primeiros códigos de lei do mundo (Kuhrt 2010, 1:64). Os governantes da dinastia de Ur III viveram vidas ambiciosas e importantes, à medida em que expandiram a influência da cidade, desenvolveram uma burocracia complexa, e construíram grandes monumentos – no entanto, estudos arqueológicos de Woolley e de outros intelectuais revelaram informações significativas sobre a religião em Ur, a partir de como tais líderes morreram.

Uma das descobertas arqueológicas mais intrigantes e importantes de Ur é sua extensa necrópole. A presença de uma necrópole, ou uma coleção de

tumbas de sepultamento, em um sítio arqueológico do Antigo Oriente, não é rara – numerosas necrópoles foram desenterradas no Egito e os túmulos dos governantes persas aquemênidas foram descobertos e estudados, mas o que faz da necrópole de Ur importante é o fato de que a mesma oferece aos estudiosos modernos uma janela para dentro das ideias mesopotâmicas sobre a vida após a morte, que são desconhecidas. Na verdade, a necrópole de Ur não possui equivalente em nenhum outro lugar da Mesopotâmia (Woolley 1982, 87), que é uma região e coleção de culturas que muitos veem como desprovida de qualquer crença na vida após a morte. Não há textos de rituais religiosos mesopotâmicos, de nenhum período ou cultura da região, que se refira ao pós-vida ou à passagem para um outro estado espiritual, ao passo em que há inúmeros textos egípcios sobre estes temas, datados do mesmo período de tempo. O mais próximo que qualquer texto escrito mesopotâmico chega a uma articulação com a vida após a morte pode ser encontrado na *Epopeia de Gilgamesh*, mas este texto é um mito e não um ritual ou guia para um alcançar o pós-vida (Sandars 1972, 30). Dito isto, a *Epopeia* adota a postura de que a imortalidade não é para os mortais, quando os deuses dizem a Gilgamesh que “a vida eterna não é o seu destino” (Sandars 1972, 70). Todos estes fatos, portanto, tornam a necrópole de Ur muito mais importante e misteriosa.

Os sepultamentos em Ur abrangeram um período de mais de dois mil anos, desde o Período Dinástico Inicial até possivelmente o tempo de Alexandre, o Grande (aprox. 330 a.C.), quando Ur foi finalmente abandonada (Porada 1960, 228). Woolley limpou aproximadamente duas mil sepulturas, das quais ele identificou dezesseis como sendo de governantes ou membros da nobreza de Ur (Woolley 1982, 54). A maioria dos túmulos era similar e consistia de um eixo retangular que possuía entre um e três metros de profundidade, onde o falecido era colocado envolto em tapete ou dentro de um caixão (Woolley 1982, 54). Havia uma variedade de materiais que constituía os caixões, incluindo madeira, cestaria e mesmo argila (Woolley 1982, 54). Embora a maioria das sepulturas não se compare, em termos de sofisticação, àsquelas do Egito, o fato de que as mesmas existiam parece apontar a direção a uma crença na vida após a morte, porém Woolley destacou que nada nunca fora descoberto nos túmulos que pudesse corroborar com tal opinião. Por exemplo, não havia símbolos religiosos ou ornamentos nas sepulturas, nem mesmo itens de luxo ali eram depositados – o que se esperaria levar em uma jornada para a próxima

vida (Woolley 1982, 55). Dito isto, havia dois aspectos das sepulturas de Ur que parecem apontar convincentemente para uma crença na vida após a morte.

O primeiro aspecto das sepulturas de Ur que parece apontar para uma crença mais bem desenvolvida no pós-vida são as formas elaboradas em que algumas tumbas foram construídas. Muitas delas foram feitas de pedra ou queimadas em tijolos. Embora muitas das tumbas consistam em uma única câmara, algumas delas, presumivelmente feitas para os nobres, eram compostas de diversos cômodos (Woolley 1982, 60). Pode-se usar, mais uma vez, o Egito Antigo como um corolário para compreender a relação das tumbas com a crença na vida após a morte. Geralmente falando, no Egito Antigo, quanto maior a tumba, maior a importância do indivíduo, uma vez em que ele/ela não necessitaria do espaço apenas para seu corpo, mas também como casa dos itens luxuosos necessários para a vida após a morte. Apesar de haver algumas similaridades no tamanho das tumbas de Ur com as do Egito, elas se restringem a este tópico, pois nenhuma tumba de Ur possuía inscrições em suas paredes, pouquíssimos itens luxuosos foram encontrados nas mesmas, e não existem sinais que os cidadãos de Ur praticassem mumificação. Arqueólogos detêm esta informação pelo número de restos mortais encontrados nas tumbas, que guiam ao seu segundo aspecto que pode fornecer maiores detalhes sobre as crenças do povo de Ur na vida após a morte.

Talvez o mais fascinante – e, no entanto, macabro – aspecto da necrópole de Ur seja a existência de sacrifício humano. Em suas escavações, Woolley descobriu um excesso de restos mortais em algumas tumbas, o que ele atribuiu a alguma espécie de ritual de sacrifício pelo qual os nobres levariam seus servos com eles após a morte (Woolley 1982, 60). Woolley destacou que o número de servos sacrificados variava de tumba em tumba – de meia dúzia a oitenta – e que sua existência, juntamente com o reenchimento do túmulo, era um indicativo de um elaborado ritual religioso (Woolley 1982, 60). Não há evidências de que crianças eram sacrificadas, ou que esposas acompanhavam seus maridos falecidos como no antigo ritual indiano de *sati* (Woolley 1982, 90). A maioria das vítimas sacrificadas parece ter sido composta de servas domésticas, no caso de mulheres, ou de guardas armados, quando homens puderam ser identificados (Woolley 1982, 91). Alguns itens, como liras ou harpas, foram descobertos nas tumbas; no entanto, como mencionado acima, as tumbas de Ur eram um tanto inóspitas em comparação a seus contemporâneos egípcios. Já que as tumbas mencionadas pertenciam a nobres,

a falta de riqueza material não pode ser destacada como razão para a natureza austera das mesmas. É claro que o roubo nas sepulturas, o que era muito comum no Egito Antigo, pode ser um fato que explique as acomodações espartanas nas tumbas de Ur; porém, a menos que mais informações sejam reveladas no que diz respeito a tais questões, isto é pura conjectura. Uma das tumbas de Ur mais bem preservadas pertencia à uma mulher conhecida como a rainha Puabi.

Dentre todos os túmulos sem nome da necrópole de Ur, um se destaca, pois, sua dona foi identificada através de alguns itens recuperados. A tumba, nomeada pelos arqueólogos de Tumba PG 800, pertencia a uma mulher identificada como rainha Puabi, que viveu no terceiro milênio a.C. (Miller 2013, 127). O nome da rainha é conhecido a partir de três selos inscritos descobertos na câmara que levava seu nome juntamente com o título sumério *nin*, normalmente considerado o equivalente feminino de *lugal*, usado em Ur durante o período para denotar senhorio (Woolley 1982, 88-89). Outros nomes foram descobertos na sepultura da rainha, bem como outra tumba real em Ur, mas estes indivíduos em particular não puderam ser definitivamente identificados (Woolley 1982, 89). A tumba da rainha Puabi oferece aos estudiosos modernos uma infinidade de evidências arqueológicas, mas pouco ajuda a resolver o problema das visões mesopotâmicas sobre a vida após a morte – no entanto, talvez o que não é dito nas tumbas de Ur possa revelar mais do que o que é dito.

A existência da escrita nas tumbas de Ur era na verdade bastante rara, como mencionado acima; não há inscrições em nenhuma parede das tumbas, mas esta ausência pode ser considerada em seu contexto histórico. Em termos gerais, no decorrer da história, mitos foram transmitidos oralmente por séculos antes de serem registrados em escrita (Vansina 1985, 118). No caso de Ur e da Mesopotâmia em geral, o maior exemplo de mito é, obviamente, a *Epopéia de Gilgamesh*, a qual se acredita ter sido o primeiro registro escrito do terceiro milênio a.C. (Sandars 1972, 7), ou em torno do tempo da rainha Puabi. Pode ser que a escrita em Ur, em termos de mito e ritual, não tenha avançado o suficiente para chegar às tumbas. Dito isto, deve-se salientar que mitos e rituais religiosos não eram necessariamente inclusivos no Antigo Oriente, embora tenha havido uma considerável sobreposição que pode ser vista em antigos rituais egípcios relativos à transição para a vida após a morte que possuía corolários no mito. No caso da antiga Ur, a *Epopéia de Gilgamesh*

fornece aos estudiosos modernos o melhor exemplo da mitologia inicial, mas, como supracitado, falta em ritual e parece apontar contra uma crença mesopotâmica na vida após a morte. Também precisa ser afirmado que nenhuma cópia de *Gilgamesh* foi descoberta em qualquer tumba de Ur, o que mais uma vez, se presente, poderia indicar a crença na vida após a morte. Embora *Gilgamesh* e outros mitos sumérios se encontrem claramente no âmbito do mito e não do ritual, alguns estudiosos acreditam que uma investigação mais aprofundada pode ajudar a lançar mais luz sobre o significado teológico da necrópole de Ur.

Uma passagem em particular de *Gilgamesh*, onde o amigo de Gilgamesh, Enkidu, tem uma visão sobre a vida após a morte, oferece um possível vislumbre sobre o que os donos das tumbas de Ur esperavam no pós-vida. A passagem diz, “Ali fica a casa onde as pessoas sentam-se no escuro, onde o pó é sua comida e o barro sua carne. Elas se vestem como os pássaros, tendo as asas como traje; elas não veem a luz e sentam-se na escuridão. Eu entrei na casa do pó e vi os reis da terra, suas coroas guardadas para sempre; vi tiranos e príncipes, todos aqueles que outrora usavam coroas reais e governavam o mundo. Aquelles que no passado haviam ocupado o lugar de deuses como Anu e Enlil agora trabalhavam como servos, buscando carne assada na casa do pó e carregando carne cozida e água fria tirada do odre. Na casa do pó em que entrei estavam os altos sacerdotes e os acólitos, os sacerdotes do êxtase e do encantamento; lá se encontravam os servidores do templo e Etana, o rei de Kish, a quem outrora a águia carregou para o céu. Também vi Samuqan, o deus do gado, e Ereshkigal, a Rainha do Mundo Inferior; e, agachada em frente a ela, Belit-Sheri, escriba dos deuses e guardiã do livro da morte. Ela estava lendo uma tábua que tinha em suas mãos. Ela levantou a cabeça e me falou: ‘Quem trouxe este aqui?’ ” (Sandars 1971, 92).

O Mundo Inferior mesopotâmico não soa como um lugar convidativo; sua descrição como um lugar sujo e escuro soa muito mais como um túmulo, o que não pode ser coincidência. A necrópole de Ur foi certamente uma importante descoberta cujos segredos ainda podem ser revelados em alguma data futura, mas infelizmente, por enquanto, os estudiosos estão em um impasse no que diz respeito à sua importância ritual e teológica. Escavações em Ur também revelaram outra importante instituição religiosa que, felizmente, é mais conhecida.

No Antigo Oriente, a religião era um assunto complexo onde centenas ou mesmo milhares de deuses e deusas eram reconhecidos e adorados por qualquer grupo de pessoas. Muitas dessas divindades tinham poucos seguidores, mas os mais importantes eram assistidos por sacerdotes e sacerdotisas que às vezes acumulavam grande poder. Em Ur, a mais importante de todas as divindades era o par divino Nana e Ningal. Nana era o deus sumério da Lua, que mais tarde ficaria conhecido por seu nome semítico Sin, e sua cônjuge divina era Ningal. De acordo com a mitologia suméria, seu mais notável filho era o deus do sol Utu, comumente conhecido pelo nome semítico Shamash, que se casou com a deusa mesopotâmica do amor e da Guerra, Ishtar (Sandars 1972, 122-24). Desde que Nana e Ningal ocuparam a posição primordial na vida espiritual de Ur, o grande complexo do templo da cidade foi dedicado ao par, e junto com ele um seguimento leal de padres e sacerdotisas.

A palavra suméria para os padres da dinastia de Ur III era *en*, e o equivalente para as sacerdotisas, *entu*. Evidências, na forma de documentos administrativos, revelam que os padres *en* exerciam um grande poder político e econômico não só em Ur, mas em todo o sul da Mesopotâmia (Sharlach 2007, 70). As sacerdotisas *entu* também exerciam tanto, senão mais poder, e eram bastante influentes na vida religiosa de Ur durante a Terceira Dinastia. Uma vez que a religião era interligada com todos os aspectos da vida na antiga Mesopotâmia, qualquer pessoa com uma posição religiosa importante possuía grande influência em Ur. Na verdade, as sacerdotisas *entu* eram vistas como tão importantes para a integridade cultural da cidade, que as dinastias subsequentes que governaram Ur continuaram a patronar a instituição religiosa, como será demonstrado abaixo.

A sacerdotisa *entu* de Ur vivia em uma seção especial do complexo do templo Nana-Ningal, chamado de *giparu*. Embora as sacerdotisas vivessem no *giparu*, não tinham uma vida de clausura e evidências mostram que elas participavam da vida cotidiana de Ur como qualquer outro habitante (Sharlach 2007, 70). Além de acomodar as sacerdotisas, o *giparu* também era um local onde as mulheres realizavam os rituais cotidianos associados ao culto (Weadock 1975, 101). A mulher que era apontada como a líder sacerdotisa, ou *entu*, gozava de imenso poder enquanto detentora do título, mas também tinha muitas responsabilidades a desempenhar, como as funções diárias acima mencionadas e, em certa medida, a vontade política da pessoa que a nomeou.

As sacerdotisas do *giparu* eram particularmente escolhidas para o importante papel e deveriam ser de sangue real, o que, durante Ur III, significava que deveriam ser filhas ou irmãs do rei (Weadock 1975, 101). Realizar os rituais diários era importante, mas o verdadeiro valor teológico das sacerdotisas no *giparu* de Ur era mais simbólico; as mulheres eram vistas e acreditadas como sendo as esposas do deus Nana e, portanto, preenchiam o papel temporal como Ningal (Weadock 1975, 101). O uso das sacerdotisas femininas como intermediárias para um casamento divino não era desconhecido no Antigo Oriente – os egípcios antigos possuíam uma instituição religiosa similar ao *giparu* conhecida como Divina Esposa de Amon – mas as mulheres do *giparu* de Ur são os mais antigos casos do mundo. As sacerdotisas do *giparu* geralmente faziam seu trabalho longe dos olhos do público (1975, 103). Após a Terceira Dinastia de Ur, durante a conhecida Primeira Dinastia Isin (aprox. 2017-1739 a.C.), até a Dinastia Larsa (aprox. 1793-1763 a.C.), um sub-culto desenvolveu-se dentro do complexo Nana-Ningal, onde as falecidas *entus* eram adoradas (Weadock 1975, 104). O *giparu* e as sacerdotisas que lá viviam eram verdadeiramente parte integral da vida religiosa de Ur, mas elas também desempenhavam um papel econômico e político na cidade.

Escavações arqueológicas em Ur revelaram que a real construção do *giparu* passou diversas vezes por um processo – começando tão cedo quanto o Período Dinástico Inicial e continuando até o Período Neobabilônico – onde a estrutura foi criada, destruída e reconstruída (Weadock 1975, 101). O fato de que foi dada tanta atenção à construção e seu culto, em diferentes períodos de tempos e por diferentes dinastias, indica que o mesmo servira como um importante ponto focal político tão importante quanto o religioso. Embora alguma forma do *giparu* possa ter existido em Ur tão primitiva quanto o Período Dinástico Inicial, foi durante a Terceira Dinastia de Ur que ele adquiriu seu verdadeiro poder político. Durante o reinado de Ur-Nammu, foi adicionado um edifício, ou talvez tenha sido construído um inteiramente novo, e foi nos reinados de seus sucessores que a patronagem do culto adquiriu significância política (Weadock 1975, 107). Dentre as maneiras pelas quais as sacerdotisas eram capazes de exercer seu poder, estava o poder através das vastas propriedades pertencentes a Nana e Ningal – dentre elas, o *giparu* (Weadock 1975, 103). No Antigo Oriente, a maior parte da terra era pertencente ao rei ou aos vários deuses e deuses de um reinado em particular, e já que as divindades não podiam fisicamente coletar impostos e pagamentos

dos habitantes por usarem suas terras, os padres e sacerdotisas de seus cultos o faziam. Uma vez que os cultos de Nana e Ningal eram os mais importantes de Ur, este era o mais rico. A influência que emanava do *giparu* de Ur durou centenas de anos, mas não o fez sem interrupções. O trabalho arqueológico feito no edifício revelou que o mesmo sofreu um revés particularmente custoso e destrutivo quando os elamitas atacaram e saquearam Ur, o que pôs fim à Terceira Dinastia de Ur (Weadock 1975, 107).

Capítulo 6: O Fim de Ur III e a Destruição Temporária da Cidade

Por mais forte que fosse o estado de Ur III, o mesmo não era bem-sucedido em suas tentativas de aplacar outros povos ao leste da Mesopotâmia. Em particular, um grupo de indivíduos chamados elamitas irrompeu na Mesopotâmia; mais tarde, os elamitas seriam os responsáveis por construir seus próprios reinados repletos de trabalhos impressionantes de arte e arquitetura, porém em torno de 2.000 a.C. eles estavam puramente interessados em pilhagens. Além da evidência arqueológica que mostra o grande nível de destruição de Ur concorrente ao fim do estado de Ur III, diversos textos cuneiformes foram compilados em datas posteriores que lamentavam a destruição de Ur. Um dos textos mais conhecidos diz, “Sua cidade justa, que foi destruída – amargo é o seu lamento. Sua Ur que foi destruída – amargo é o seu lamento. Eles lamentam o que é amargo – Ó cidade, prepara o teu lamento... os subarianos e os elamitas, os destruidores transformaram-na em trinta ciclos. A casa justa eles quebram com a picareta; as pessoas gemem. A cidade eles transformam em ruínas; as pessoas gemem. Sua senhora chora: ‘Ai de minha cidade’, chora: ‘Ai de minha casa.’ Quanto a mim, a mulher, minha cidade foi destruída, minha casa também foi destruída; Ó Nana, Ur foi destruída, seu povo foi dispersado.” (Pritchard 1992, 455-461).

Em termos de historiografia, o texto é importante porque coloca a maior parte da culpa pela destruição de Ur nas mãos dos elamitas, que na verdade eram governados por um reino chamado Shimashki, que se refere, no texto, aos subarianos (Van de Mieroop, 2007, 83). O texto também é importante arqueologicamente, enquanto corrobora a destruição descoberta em Ur na forma de camadas de queimaduras, e também teologicamente. As implicações teológicas da destruição de Ur serão consideradas abaixo, mas as causas que guiaram ao seu declínio também devem ser levadas em consideração.

Embora seja atribuída aos subarianos e elamitas a causa da destruição da cidade de Ur e da dinastia de Ur III, uma série de fatores precipitaram o declínio. A história demonstra que sociedades fortes são sempre capazes de repelir invasores, especialmente quando os mesmos são menos avançados tecnologicamente; portanto, para entender a destruição de Ur, deve-se

considerar fatores internos da sociedade de Ur III. Estudiosos modernos apontam que um dos pontos mais fortes de Ur, sua economia, também acabou sendo parte do declínio em certa medida. Por mais eficiente que fosse a economia de Ur III em respeito às províncias periféricas que à Ur pagavam tributos, essas mesmas províncias frequentemente operavam independentes e por vezes com inimigos de Ur (Van de Mieroop 2007, 82). A natureza confederada da economia de Ur III parecia funcionar bem quanto o estado estava forte, mas as partes constituintes que compunham o todo não estavam dispostas a ajudar quando Ur estava ameaçada. Na época do último rei de Ur III, Ibbi-Sin (aprox. 2028-2004 a.C.), muitas das províncias periféricas haviam começado a afirmar sua independência tanto política quanto econômica.

Os problemas políticos de Ur III provavelmente começaram durante a liderança de Shu-Sin (aprox. 2037-2029 a.C.), mas atingiram proporções de crise durante o governo de Ibbi-Sin (Kuhrt 2010, 1:70). Diversas províncias deixaram de pagar seus impostos a Ur e escribas de algumas das cidades mais importantes sob seu controle – Umma, Girsu e Nippur – pararam de datar documentos sob o nome de Ibbi-Sin (Van de Mieroop 2007, 82). Datação e cronologia, no Antigo Oriente, eram feitas de acordo com as listas e anais dos reis, e, assim como a maioria das outras atividades durante o período, estavam interligadas com religião. O rei de Ur era apontado pelos deuses, portanto quando os escribas pararam de usar seu nome para datar documentos, isto demonstrava que outras cidades da Mesopotâmia começaram a perder respeito pelos líderes políticos de Ur.

Uma carta de correspondência entre dois membros da burocracia de Ur III resume a situação política: “Após teres falado com Ibbi-Sin, meu rei: ‘Isto é o que, Isbi-Era, seu servo, diz: ‘Foi-me ordenado comprar cevada. A cevada tem o valor de 1 (siclo de prata) por kor de cevada (e) 20 talentos de prata foram providenciados para a compra da cevada. Foram recebidos relatos de que os inimigos Martus (amoritas) entraram em seu território, e eu trouxe 72.000 kors de cevada, toda a cevada, para dentro de Isin. Agora os Martus penetraram completamente na terra da Suméria (e) capturaram todas suas fortalezas. Por causa dos Martus eu não posso entregar a cevada para ser debulhada. Eles são mais fortes do que eu. Eu deveria ser apreendido. Que meu rei tenha preparados 600 barcos de transporte de 120

kors de capacidade Eu assumo (a proteção) do lugar onde os barcos atracam, e assim toda (?) a cevada poderá ser armazenada (e) transportada em sua totalidade. Supondo que deixes a cevada reduzir demais, eu terei cevada trazida a ti. Meu rei, o elamita tornara-se mais amargo em batalha, suas porções de cevada terão em breve terminado, não debes deixar (a força de) teu exército enfraquecer, não debes apressar-te para entrar em uma relação de servo com ele, e não debes correr atrás dele! Cevada por 15 anos: as provisões do palácio e da cidade estão todas em minhas mãos. A guarda de Isian e Nibru, meu rei, estou tomando sobre mim! Que meu rei saiba (disto)! ” (Kuhrt 2010: 1:70-71).

A falta de grão pôs Ibibi-Sin e Ur em uma posição precária, não porque o rei era incapaz de alimentar seu povo, mas porque ele era incapaz de pagar suas tropas para proteger a cidade. O porquê da escassez de grão em Ur neste período é incerto; pode ter-se dado pelos estados periféricos terem afirmado sua independência e se recusado a pagar impostos sobre os grãos, pode ter havido fome ou seca (Van de Mieroop 2007, 83), ou mais provavelmente houve uma série de fatores contribuintes. A busca por respostas do porquê do declínio de Ur parece guiar apenas para mais perguntas, porém habitantes posteriores de Ur claramente colocaram a culpa em seus predecessores.

A maior parte dos textos cuneiformes existentes relacionados à destruição de Ur estão repletos de referências teológicas. Na maioria destes textos, é implícito ou afirmado explicitamente que Ur sofrera, pois, seus habitantes falharam em adorar propriamente as divindades sumérias. Um texto diz:

“Que a realeza seja levada da terra,

Que sua face seja dirigida a um solo hostil,

Que de acordo com o comando de An (e)

Enlil, ‘lei e ordem’ deixem de existir –

(Tudo isto aconteceu) após An ter franzido a testa sobre todas as Terras,

Após Enlil ter dirigido sua face (amigável) ao solo

Inimigo,
Após Nintu ter prostrado suas (próprias) criaturas,
Após Enki ter virado (o curso do) Tigre
(e) Eufrates,
Após Utu ter amaldiçoado as estradas (e rodovias) . . .
An, Enlil, Enki, (e) Ninhursag decretaram (como) seu destino –
O destino por eles decretado não pode ser modificado . . .
Enlil derrubou Elam, o inimigo, da montanha
Ele fez Nanshe, a filha principesca, morar em
Uma cidade estranha,
Ele pôs Ninmar em chamas em (seu) santuário
Gubba,
Sua prata (e) lápis lazuli é levada em grandes barcos . . .
Em Hursagkalamma, a casa de Kish, uma mão maligna
Foi colocada. . .
Antes de Enlil um lamento foi feito em sua cidade, o santuário
Nippur . . .
Girsu, a cidade de heróis, foi transformada em um covarde
Lugar . . .
Ó Enki, sua cidade foi amaldiçoada, foi feita
Território inimigo,
Por que nos considera entre aqueles que foram
Deslocados de Eridu . . .
Abaixo, os elamitas, como aqueles que geram

Desgraça, brandem suas armas,
Acima, como palha soprada pelo vento, o
Estepe . . .

Ur, o grande touro selvagem que (anteriormente) avançou

Confiantemente (no combate), foi posto prostrado. ” (Pritchard 1992, 612-19).

Poucos estudiosos argumentariam que os deuses sumérios representaram papel direto no declínio de Ur, mas seria lógico assumir que, juntamente com os outros problemas que Ur experimentara, uma falta geral de sentimento religioso na cidade contribuíra para um mal-estar cultural geral. Uma vez que os habitantes de Ur deixaram de cuidar de sua religião, eles também deixaram de cuidar de seus líderes, governo, e outras tradições culturais, o que eventualmente permitiu que invasores estrangeiros facilmente tomassem a cidade.

Depois que os elamitas invadiram e saquearam Ur, eles capturaram Ibbsin e trouxeram de volta para Elam o infeliz rei. Os elamitas, então, ocuparam Ur por cerca de sete anos até que um rei da cidade de Isin, chamado Ishbi-Erra (aprox. 2017-1985 a.C.) expulsou os intrusos (Van de Mieroop 2007, 84). A Mesopotâmia, então, reverteu a uma situação política muito similar às circunstâncias anteriores à ascensão da dinastia de Ur III – fragmentação e competição de cidades-estado (Kuhrt 2010, 1:74). Dentre as cidades que cresceram em poder durante este período estavam a Babilônia, Marín, Isin e Larsa; Ur sobreviveu, mas seu poder político foi em grande parte eliminado. A era de ouro da hegemonia de Ur sobre a Mesopotâmia se fora, mas sua importância política e cultural continuou a perdurar.

De acordo com a Lista do Rei Sumério, Ishbi-Erra, o rei de Isin que expulsou os elamitas de Ur, iniciou sua carreira política como um oficial abaixo do último rei de Ur III, Ibbsin (Kuhrt 2010, 1:76). Embora Ishbi-Erra tenha governado seu reino de Isin e seja reconhecido por estudiosos modernos como o primeiro rei da Dinastia Isin e, portanto, distinto de Ur III, ele implantou um programa de continuidade cultural que conectara Isin a Ur. Por exemplo, ele manteve muitos dos titulares reais e epítetos usados

pelos reis de Ur III, como o “rei dos quatro quadrantes do Universo”, e ele patronou o *giparu* de Ur (Kuhrt 2010, 1:76). Em termos de *giparu*, após Ishbi-Erra ter-se estabelecido como rei de Isin e assumido o controle sobre Ur, ele manteve a filha de Ibbi-Sin como a sacerdotisa *entu* até sua morte, e depois manteve a tradição e colocou sua própria filha na posição (Kuhrt 2010, 1:76). Apesar da patronagem de Ishbi-Erra das instituições religiosas de Ur e seu uso da ideologia real da cidade, reis subsequentes de Isin passaram a ignorar Ur e finalmente a própria Isin foi tomada pela cidade de Larsa. Apesar desta desafortunada virada de acontecimentos, a importância de Ur na Mesopotâmia ainda perduraria.

Capítulo 7: O Ressurgimento de Ur sob os Cassitas e Babilônios

Embora Larsa possa ter sido a vencedora imediata de sua disputa com Isin pelo controle sobre o sul da Mesopotâmia, foi Babilônia que, ao fim, levou para casa todos os méritos. Sob o que intelectuais modernos se referem como a Primeira Dinastia da Babilônia, também por vezes conhecida como a Dinastia Amorita, Babilônia tornou-se uma cidade de classe mundial sob o comando de governantes como Hammurabi (aprox. 1792-1750 a.C.), conhecido por sua violenta conquista da maior parte da Mesopotâmia, e por seu código de lei epónimo (Van de Mieroop 2007, 111-15). Os grandes reis da Babilônia dedicaram a maioria de suas atividades de construção em sua própria cidade, e assim Ur fora mais uma vez relegada ao remanso, o que ainda foi agravado quando a Mesopotâmia entrou em uma “idade das trevas”, em torno de 1590 a.C., que durou aproximadamente 100 anos (Van de Mieroop 2007, 122-23). Durante da Idade das Trevas da Mesopotâmia, Babilônia sofreu um dano extensivo, mas quando a fumaça finalmente desapareceu, foi governada por uma nova dinastia conhecida como os Cassitas, que deram continuidade a muitas tradições mesopotâmicas, o que incluiu um interesse renovado em Ur.

A história da Mesopotâmia deu-se pela competição de cidades e dinastias, as quais, evidenciadas pela destruição de Ur nas mãos dos elamitas, eram frequentemente violentas. Disto isto, as numerosas etnias mesopotâmicas frequentemente adoravam as mesmas divindades, e, portanto, o respeito e a observância das instituições e templos religiosos de uma cidade eram geralmente dados pelos reis conquistadores. Templos destruídos eram reconstruídos, e aqueles que não tivessem sido arruinados, normalmente ganhavam adições. Quando os cassitas tomaram o controle da Babilônia, eles fizeram grandes esforços para retratarem-se como governantes babilônios legítimos, realizando feitos como devolver a estátua do deus Marduk a seu templo na cidade (Kuhrt 2010, 1:338) e usando as línguas suméria e acadiana em documentos religiosos e administrativos (Kuhrt 2010, 1:339). Os cassitas também se interessaram pelas instituições religiosas de Ur.

Por volta do ano 1400 a.C., o rei cassita-babilônio Kurigalzu I embarcou em um programa para reconstruir diversos santuários religiosos de Ur

(Weadock 1975, 111). A razão precisa deste programa permanece desconhecida pela falta de fontes escritas que detalham o trabalho, porém esta seguiria os esforços de legitimação política que outros cassitas empreenderam na Babilônia. O aspecto interessante dos esforços de Kurigalzu em Ur, no entanto, é que os projetos pareceram apresentar um caráter mais secular (Clayden 1995, 63). Em particular, o *giparu*, que representara papel tão importante na dinastia de Ur III, fora mantido como uma área residencial, mas não mais como parte do Templo Ningal (Clayden 1995, 63). O Templo Ningal foi movido para o terraço do zigurate, distante do *giparu*, o que indica um enfraquecimento do poder das sacerdotisas *entu*, mas não necessariamente de Ur em si. Após o restabelecimento do Templo Ningal pelos reis cassitas, dinastias subsequentes pouco fizeram para manter o templo e patronar seus cultos, portanto o complexo do templo entrou em decadência e a função das *entu* desapareceu até o século VII a.C. (Clayden 1995, 63).

Um dos aspectos mais impressionantes sobre os cassitas foi sua habilidade de prolongar seu reinado sobre a Mesopotâmia, perdurando de tal forma que nenhuma outra dinastia antes fora capaz de fazer. Os cassitas governaram a região de aproximadamente 1530 a 1155 a.C., o que certamente os colocou dentre as mais longas dinastias governantes do Antigo Oriente (Kuhrt 2010, 1:335). O período do controle cassita sobre Ur findou-se quando os reis da Babilônia disputaram com os do Egito, Hati e Assíria pelo controle de seus vizinhos menores. As grandes potências geralmente evitavam conflitos diretos entre si e, ao invés disso, preferiam a diplomacia para resolver suas diferenças (Kuhrt 2010, 1:339), mas por volta do século XII a.C. os assírios haviam se tornado a potência dominante na Mesopotâmia. Os guerreiros assírios destruíram e conquistaram diversas cidades do Antigo Oriente, e Ur, que era antiga quando eles chegaram ao poder, era geralmente uma parte de seus planos imperiais.

Capítulo 8: Os Assírios e Ur

Embora Ur fosse localizada longe da Assíria, que ficava ao norte das nascentes do Rio Tigre, era ainda uma importante cidade simbólica na Mesopotâmia quando os assírios começaram sua conquista no século XII a.C. Apesar de serem particularmente um povo guerreador, os assírios também eram um tanto letrados e adeptos da escrita histórica. Foi durante o governo do rei assírio Tiglate-Pileser I (aprox. 1114-1076 a.C.) que os assírios começaram a registrar suas operações militares, caças reais e programas de construção em detalhados anais cronológicos (Van de Mieroop 2007, 180). O panorama dos anais era teológico por natureza, já que deveriam ser cartas dos reis aos deuses (Speiser 1983, 66), mas deles pode-se obter muitas informações geográficas e históricas, se puder ser discernido o mito da história. Dito isto, quando Tiglate-Pileser I começou a registrar suas obras históricas para seus deuses, a cidade de Ur foi listada como uma das que estavam sob seu controle. Os anais dizem: “Arpadda, Haurâni . . . —ta—, Dinanu, [Kaprabî,] cidades de Bit-Adinia, Ta—ri . . . Hrumu, Anlama—, Urrus, Ur. ” (Luckenbill, 1:294). A referência demonstra que, embora Ur tenha sido uma vez relegada a um status de remanso, ela ainda mantinha um pouco de seu esplendor, pelo menos o suficiente para que o poderoso rei assírio a mencionasse dentre suas conquistas.

Ur apareceu mais proeminente nos anais dos reis assírios posteriores e também nos programas de construção. Sargão II (721-705 a.C.) mencionou Ur em diferentes anais como uma das cidades que ele “reestabelecera” devolvendo suas estátuas de culto – referidas simplesmente como “deuses” nos textos – que haviam sido tiradas por conquistadores anteriores. O texto diz, “Os povos de Sippar, Nippur, Babilônia, Borsippa, que foram aprisionados em si não por sua culpa, - Eu quebrei seus laços e lhes fiz contemplar a luz (do dia). Seus campos, que desde os dias antigos, durante a anarquia da terra, os sutus haviam tomado, eu devolvi a eles. Os sutus, povo do deserto, eu os cortei com a espada. Suas fronteiras, que haviam sido invadidas, eu restabeleci seus antigos limites. A independência de Ur, Erech, Eridu, Larsa, Kisik e Nimid-Laguda, eu restabeleci, e trouxe de volta

às cidades seus deuses capturados. Seus rendimentos, que haviam estagnado, eu restaurei. ” (Luckenbill, 2:20-1).

Outro anal do reinado de Sargão II também lista Ur como uma das cidades do Império Assírio, mas observa que o rei assírio precisou “acalmar” seu povo, o que aponta a existência de uma rebelião. O texto diz, “Eu realizei a reabilitação de Sippar, Nipput, Babilônia e Borsippa, eu tornei boas as perdas de clientes, todos os que havia, e remeti os tributos de Der, Ur, Uruk, Eridu, Larsa, Kullab, Kissik, e Nimid-Laguda, eu acalmei seu povo. A liberdade de Assur e Harã, que em dias distantes havia sido negligenciada, e sua clientela, que havia cessado, eu restaurei. ” (Luckenbill, 2:101).

A rebelião inferida no texto é mais tarde corroborada por um texto do reinado do rei assírio Senaqueribe (704-681 a.C.). Senaqueribe deu continuidade ao mesmo programa violento de conquista feito por Sargão II, mas os anais que o rei deixou para trás são mais reveladores quanto à situação política. Um anal em especial, do reinado de Senaqueribe, detalha uma guerra que ele lutara contra o rei da Babilônia e seus aliados, dentre os quais estava Ur. O anal dizia, “No início de meu reinado, quando eu solenemente tomei meu lugar no trono, e governei os habitantes da Assíria com misericórdia e graça, Merodach-Baladan, rei da Babilônia, e instigador da revolta, conspirador da rebelião, agente do mal, cuja culpa é pesada, trouxe para seu lado Shutur-Nahundu, o elamita, e lhe deu ouro, prata e pedras preciosas, e o assegurou como aliado. Imbappa, *turtan* do rei de Elam, Tannânu, o segundo no comando, 10 comandantes (de divisão), junto com Nergal-nâsir, o sultão, que era destemido em batalha, 80.000 arqueiros, . . . Cavalos que estavam com eles, ele enviou para Suméria e Acádia (Babilônia) para sua ajuda. E aquele [Merodach-Baladan], as cidades de . . . Ur, Eridu, Kullab, Kissik, Nimid-Laguda, as terras de Bit-Iakin, Bit-Amukkâni, Bit-Salli, Bit-Dakkuri, todos os caldeus . . . toda a Babilônia, ele reuniu e marchou para a luta” (Luckenbill, 2:128-9).



Representação de Senaqueribe localizado em seu palácio

Embora saiba-se que Senaqueribe foi capaz de reconquistar, com sucesso, a maior parte da Mesopotâmia, não se sabe quais repercussões, se alguma, ele estabeleceu em Ur. Neste ponto, é desconhecido se Senaqueribe ordenou a destruição generalizada de Ur, de acordo com a prática assíria para com os que a eles resistem, mas sabe-se que um de seus sucessores dedicou recursos consideráveis à cidade do sul mesopotâmico.

Os assírios eram conhecidos por serem geralmente cruéis com as cidades e povos que resistiam a eles, frequentemente movendo populações inteiras para os confins mais distantes do império. A remoção forçada de populações resistivas dava-se após o poderoso exército assírio destruir a cidade, ou cidades, em questão, detonando seus edifícios e capturando estátuas de culto de seus deuses e deusas mais importantes. Assurbanípal (668-627 a.C.), um dos últimos reis da dinastia Neo-Assíria, é considerado por muitos hoje em dia como um dos reis que mais empregaram tais práticas brutais, mais amplamente que seus predecessores. Assurbanípal destruiu diversas cidades mesopotâmicas, e outras no Levante e no Egito, o que certamente fez dele o mais prolífero de muitos de seus antepassados em

termos de destruição, mas evidências também revelaram que ele demonstrou interesse por Ur.

A maioria das referências que os reis assírios fizeram a Ur dava-se no panorama da conquista ou rebelião, mas Assurbanípal referenciou a antiga cidade em um texto religioso, onde ele buscou agradar seus deuses. O texto diz, “Os grandes deuses em seu concílio decretaram (para mim) um destino favorável, e (me) concederam uma mente receptiva. Eles me fizeram compreender toda a arte do escriba. Na assembleia de príncipes, [glorificaram] meu nome, tornaram meu governo poderoso. Força, virilidade, enorme poder, me concederam; as terras insubmissas colocaram em minhas mãos. Me fizeram alcançar o sacerdócio [o que eu desejava]. As oferendas que eu trouxe foram agradáveis [aos deuses]. Os santuários dos grandes deuses, meus senhores [eu restaurei] com ouro e [prata]. Colossos, imagens de pássaros da tempestade e poderosas colunas eu ergui por seus portões. [Esharra], Emashmash, o templo da Senhora da terra . . . , [eu tornei esplêndido] como a [‘escrita’ celestial.] A Senhora . . . sobre . . . a terra de Ur. ” (Luckenbill, 2:323-24).

O texto claramente faz referência às melhorias que Assurbanípal realizou em Ur, indicando que a cidade ainda era teologicamente importante no século VII a.C. O trabalho arqueológico feito em Ur por Woolley e posteriormente analisado por outros estudiosos parece corroborar as afirmações de Assurbanípal.

Como mencionado acima, o *giparu* de Ur foi construído, reconstruído, expandido, e movido em diversas ocasiões durante diferentes dinastias. O que o *giparu* e as sacerdotisas *entu* significavam para as diferentes dinastias variava, porém todas elas viram as instituições e divindades Nana e Ningal como importantes pilares teológicos e políticos de Ur. O governante assírio Sin-balassu-iqbi, que serviu sob Assurbanípal, reconstruiu o *giparu* perto de sua localização original por volta de 650 a.C., mas não reinstalou o cargo das sacerdotisas *entu* (Weadock 1975, 112). Não se sabe porque Assurbanípal não reinstalou o cargo, mas pode-se assumir que, uma vez que o rei era tão ativo com as conquistas militares, as quais conduzia pessoalmente, não tivera tempo para instalar uma de suas filhas segundo a tradição. Outra evidência extraída de Ur – que pode ser definitivamente

datada da dinastia neo-assíria -, uma grande horda de joias de um tesouro central (Reade 2001, 178), indica que Ur possuía um certo nível de riqueza material e possível influência em períodos posteriores à história da antiga Mesopotâmia. As descobertas do período assírio em Ur demonstram mais uma vez a importância continuada da cidade, e a atividade lá realizada por Assurbanípal era de continuidade com dinastias anteriores, e, uma vez que os assírios foram derrubados em ordem rápida, Ur continuou a impressionar reis e foi habitada por uma considerável população.

Capítulo 9: Ur nos Tempos Antigos Posteriores

Conforme dinastias e povos ascendiam e caíam pelo Antigo Oriente, Ur era uma constante; sofreu destruições nas mãos de invasores e foi negligenciada de tempos em tempos, porém sempre pareceu ressurgir para inspirar uma nova dinastia. Após os assírios terem sido finalmente derrotados no xadrez político e cultural da Mesopotâmia, uma nova dinastia rapidamente entrou para preencher o seu lugar – a dinastia Neobabilônica. Como o nome indica, os neobabilônicos basearam sua dinastia fora da vulnerável cidade da Babilônia, porém eram forasteiros, sendo membros de um grupo étnico semítico conhecido como os caldeus, que migraram para a região em torno da Babilônia no início do primeiro milênio a.C. (Kuhrt 2010, 2:275). O mais conhecido de todos os reis neobabilônicos foi Nabucodonosor II (604-562 a.C.), pelas inúmeras referências a ele no Antigo Testamento, porém o último rei neobabilônico, Nabonido (555-539 a.C.), foi quem dedicou recursos para a preservação de Ur e sua cultura.

O reinado de Nabonido é particularmente bem documentado, pois há uma série de textos existentes que relatam a ascensão e a derradeira queda do rei nas mãos dos persas aquemênidas. De acordo com alguns textos, Ur estava dentre uma série de cidades do sul da Mesopotâmia que haviam caído em ruínas e decadência, as quais o rei causara pessoalmente. O texto dizia, “Mas os cidadãos da Babilônia, Borsippa, Nippur, Ur, Uruk (e) Larsa, os administradores (e) habitantes dos centros urbanos da Babilônia agiram mal, descuidados e ainda pecaram contra seu grande poder divino, não havendo (ainda) experimentado a terrível ira do Crescente Divino, o rei de todos os deuses; eles desconsideraram seus ritos e houve muita conversa irreligiosa e desleal. Eles devoraram uns aos outros como cães, fizeram aparecer doença e fome entre eles. . . por dez anos eu me movi por estas (cidades) e não entrei em minha própria cidade Babilônia. ” (Pritchard 1992, 562).



Representação de Nabonido

O texto parece operar em dois diferentes níveis: há o aspecto fórmico do texto, onde os cidadãos de Ur pediram por sua ruína através de sua própria tolice – o que é semelhante aos textos que descreviam a queda da cidade ao fim da Dinastia de Ur III – e há o componente historiográfico que afirma que Nabonido visitou cada uma das cidades do sul da Mesopotâmia. Não se sabe quanto tempo Nabonido ficou em Ur, mas evidências mostram que ele fez pelo menos esforços nominais para consolidar seu poder na cidade.

A manobra política mais notável feita por Nabonido em Ur foi reviver o cargo das *entu*. Como mencionado acima, as sacerdotisas *entu* exerciam poder considerável e, embora o *giparu* tenha sido reconstruído durante o reinado de Assurbanípal, o cargo em si permaneceu vago. Com base na verdadeira tradição religiosa de Ur, Nabonido nomeou sua filha, Ennigaldi-Nana, como a líder sacerdotisa (Weadock 1975, 101), o que sem dúvida deu ao rei olhos e ouvidos em toda a cidade. Na verdade, parece que a reinstalação do cargo da sacerdotisa *entu* feita por Nabonido fora mais uma questão prática do que qualquer profunda veneração à Ur e suas tradições. A aderência de Nabonido sobre a Mesopotâmia, era, na melhor das hipóteses, tênue – portanto, para colocar firmemente sob sua liderança a ainda poderosa cidade de Ur, ele precisou ganhar controle de uma de suas mais importantes instituições religiosas. Apesar de seus melhores esforços, Nabonido foi derrubado do trono quando o rei persa aquemênida, Cyrus, guiou seu exército para a Babilônia, e embora os aquemênidas dedicassem a maior parte de seus recursos nas maiores cidades de seu império, evidências comprovam que Ur perdurou sob seu governo.

As escavações de Ur revelaram que o ultimo nível arqueológico de residências privadas pode ser datado definitivamente do período persa (Porada 1960, 228). Uma série de moedas também foram descobertas no mesmo nível, o que se acredita ter sido uma oficina de cortadores de selos (Porada 1960, 230). As moedas demonstram que Ur continuou sendo uma residência após os persas conquistarem a Mesopotâmia, mas elas não revelam o quão importante a cidade foi para os mesmos. As moedas mostram uma infinidade de diferentes influências artísticas – gregas, egípcias, babilônias, assírias, e persas – e maioria está datada, o que significa que a data terminal da ocupação de Ur pode ser suposta. Baseado em evidência numismática, juntamente com tabuletas existentes, Ur ficara provavelmente deserta por algum tempo após a conquista de Alexandre o Grande da região, por volta de 331 a.C. (Porada 1960, 228). Depois que Ur fora abandonada, passaram-se mais de dois mil anos até estudiosos e aventureiros redescobrirem a cidade e todas suas glórias. Mas a deserção de Ur e sua descoberta moderna não são o capítulo final da rica história da cidade; mais recentemente, Ur tem-se esforçado e lutado para sobreviver em meio à grande turbulência política.

Capítulo 10: O Esforço Moderno de Ur pela Existência





Imagens de americanos caminhando entre as ruínas de Ur

O capítulo final da longa e vulnerável história de Ur ainda está sendo escrito e, por causa da instabilidade na região, ele prende-se precariamente aos ventos e deve ser determinado pela natureza caprichosa daqueles que pouco se importam com os antigos mistérios da cidade. Quando Saddam Hussein tomou o controle sobre o Iraque, ele convidou estudiosos de todo o mundo para estudarem e preservarem os monumentos mesopotâmicos do país. Neste respeito, Hussein poderia ser considerado um patrono da história da antiga Mesopotâmia, porém o ditador também trouxe destruição a esses monumentos através da guerra incessante.

Hussein envolveu o Iraque em três guerras extremamente custosas em termos de vidas humanas, infraestrutura, e a talvez pouco conhecida destruição das antiguidades do país. De 1980 a 1988 o Iraque lutou contra com o Irã em uma guerra sangrenta e particularmente brutal. Foi invadido em 1991 pela Operação Tempestade no Deserto, e novamente em 2003, que, é claro, configurou-se como uma guerra muito maior que perdura até os dias de hoje, em certa medida, através da luta contra o Estado Islâmico na parte norte do país. Um dano mínimo foi causado às antiguidades do país durante a guerra

Irã-Iraque, porém o maior roubo e saque de peças de museu – muitas das quais vieram de Ur – e ataques indiretos ocorreram em Ur e outros lugares antigos durante as guerras de 1991 e 2003 (Schipper 2005, 251).

A invasão do Iraque por parte da coalizão norte-americana em 1991 pode ter parecido ordenada para aqueles que assistiram aos eventos ao vivo pela CNN, mas os resultados foram um tanto mais caóticos, especialmente em termos das antiguidades iraquianas. A Autoridade de Antiguidades do Iraque estimou que aproximadamente quatro mil itens foram roubados de seus museus (Schipper 2015, 252). Muitas peças saqueadas dos museus acabaram em coleções privadas na Europa e América do Norte, sendo aparentemente “encomendadas” por indivíduos inescrupulosos antes de a invasão começar (Schipper 2005, 252). Durante a invasão, Ur tomou vários acertos de mísseis e tiros; mais notavelmente, o Zíгурate de Ur foi atingido diretamente e foi deixado com aproximadamente 400 buracos em sua parede sul (Schipper 2005, 252-2). Também havia cinco grandes crateras de bombas visíveis perto do zigurate, que por um tempo serviu como base militar iraquiana (Schipper 2005, 254). A prática da utilização de um local antigo como base militar não era nova para os iraquianos, que também usaram o local da Babilônia para a mesma função, sendo a mesma posteriormente transformada em um campo norte-americano após a nova invasão ao Iraque em 2003 (Schipper 2005, 255). Felizmente, a necrópole real de Ur permaneceu intocada pelas vicissitudes da guerra, apesar de estar tão exposta quanto o zigurate (Schipper 2005, 261).

Talvez o maior problema enfrentado por Ur durante este tempo tenha sido a falta de estudiosos profissionais que poderiam ter atenuado os danos causados pela guerra. Entre 1991 e 2003, poucos estudiosos não-iraquianos visitaram o país, e aqueles que o fizeram, foram apenas entre os anos de 1999 e 2003 (Schipper 2005, 253). A situação arqueológica no Iraque, em geral e especificamente em Ur, deteriorou após a invasão de 2003 (Schipper 2005, 270). Com o atual governo iraquiano mal sendo capaz de conter o Estado Islâmico no Norte, o futuro arqueológico de Ur permanece no limbo.



Visão aérea moderna de Ur





Ruínas de piso e parede em um dos edifícios de Ur

Recursos Online

[*The Sumerians* by Charles River Editors](#)

[*A History of Sumer and Akkad* por Leonard King](#)

[*The Babylonian Story of the Deluge as Told by Assyrian Tablets from Nineveh* por E.A. Wallis Budge](#)

[*The Assyrians: The History of the Most Prominent Empire of the Ancient Near East* por Charles River Editors](#)

[*Babylon: The Rise and Fall of Ancient Mesopotamia's Greatest City* por Charles River Editors](#)

[*The Hittites: The History and Legacy of the Bronze Age's Forgotten Empire* por Charles River Editor](#)

Bibliografia

Clayden, T. 1995. "The Date of the Foundation Deposit in the Temple of Ningal at Ur." 57: 61-70.

Curtis, J.E. and J.E. Reade, eds. 1995. *Art and Empire: Treasures from Assyria in the British Museum*. London: British Museum Press.

Dalby, Andrew. 1986. "The Sumerian Catalogs." *Journal of Library History* 21: 475-487.

Driel, G. van. 1995. "Nippur and the Inanna Temple during the Ur III Period." *Journal of the Economic and Social History of the Orient* 38: 393-406.

Frankfort, Henri. 1996. *The Art and Architecture of the Ancient Orient*. New Haven, Connecticut: Yale University Press.

Kitchen, Kenneth A. 2003. *On the Reliability of the Old Testament*. Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans.

Kuhrt, Amélie. 2010. *The Ancient Near East: c. 3000-330 BCE*. 2 vols. London: Routledge.

Mieroop, Marc van de. 2007. *A History of the Ancient Near East: ca. 3000-323 BCE*. 2nd ed. London: Blackwell.

Miller, Naomi F. 2013. "Symbols of Fertility and Abundance in the Royal Cemetery at Ur, Iraq." *American Journal of Archaeology* 117: 127-133.

Outram, Dorinda. 1995. *The Enlightenment*. Cambridge: Cambridge University Press.

Pollock, Susan. 1999. *Ancient Mesopotamia: The Eden that Never Was*. Cambridge: Cambridge University Press.

Porada, Edith. 1960. "Greek Coin Impressions from Ur." *Iraq* 22: 228-234.

Pritchard, James B, ed. 1992. *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament*. 3rd ed. Princeton, New Jersey: Princeton University Press.

Reade, J.E. 2001. "More Silver from the Temple Treasury at Ur." *Revue d'Assyriologie et d'archéologie orientale* 95: 178-179.

Sandars, Nancy K., ed. 1972. *The Epic of Gilgamesh*. Revised ed. London: Penguin Books.

Sharlach, Tonia. 2007. "Social Change and the Transition from the Third Dynasty of Ur to the Old Babylonian Kingdoms c. 2112-1595 BCE." In *Regime Change in the Ancient Near East and Egypt: From Sargon of Agade to Saddam Hussein*, ed. Harriet Crawford, 61-72. Oxford: Oxford University Press.

———. 2005. "Diplomacy and the Rituals of Politics at the Ur III Court." *Journal of Cuneiform Studies* 57: 17-29

Snell, Daniel C. 2011. *Religions of the Ancient Near East*. Cambridge: Cambridge University Press.

Soden, Wolfram von. 1994. *The Ancient Orient: An Introduction to the Study of the Ancient Near East*. Translated by Donald G. Schley. Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans.

Speiser, E.A. 1983. "Ancient Mesopotamia." In *The Idea of History in the Ancient Near East*, ed. Robert C. Denton, 35-76. New Haven, Connecticut: American Oriental Society.

Vansina, Jan. 1985. *Oral Tradition as History*. Madison, Wisconsin: University of Wisconsin Press.

Weadock, Penelope N. 1975. "The Giparu at Ur." *Iraq* 37: 101-128.

Woolley, Leonard. 1982. *Ur of the Chaldees*. Edited by P.R.S. Moorey. Rev. ed. Ithaca, New York: Cornell University Press.

Ziskind, Jonathan R. 1972. "The Sumerian Problem." *History Teacher* 5: 34-41.